

Migrações, especularidade e sororidade: as trajetórias identitárias empoderantes das protagonistas de *A Hora da História*, de Thrity Umrigar

Luiz Manoel da Silva Oliveira¹

Shirley de Souza Gomes Carreira²

Resumo: O presente artigo tem por meta analisar o romance *A hora da história* (2014), de Thrity Umrigar, com base na tríade conceitual migrações-especularidade-sororidade, conforme esses elementos aparecem e influenciam a vida e a trajetória identitária das protagonistas Lakshmi e Maggie, com vistas a constatar a tomada de consciência por parte das protagonistas das diversas camadas, evidentes ou mais sutis, de exclusão, de preconceito, subalternização ou opressão a que os mecanismos da sociedade patriarcal oriental (indiana) e ocidental (estadunidense) as expõem. Como desdobramento desse processo, analisaremos as tensões e interações advindas das relações especulares entre as protagonistas que a narrativa vai tecendo para elas, assim como os efeitos da cooperação solidária e da amizade que a sororidade que se instalará nas suas vidas vai proporcionar. Por fim, a despeito dos percalços que os périplos identitários das protagonistas ocasionarão, constataremos a conquista de suas identidades mais empoderadas e desvinculadas da influência patriarcal. Nesse sentido, dentre os teóricos e críticos de que lançaremos mão, figuram Núbia Hanciau (2005), Stuart Hall (2003), Simon Harel (1992), Emílio Santoro (2014), Sandra Regina G. Almeida (2015), bell hooks (1997), Audre Lorde (1997) e Rehka Pande (2009).

Palavras-chave: Migrações. Especularidade. Sororidade. Empoderamento. Identidades femininas.

Introdução

As ondas migratórias ocorridas no século XX, decorrentes de conflitos políticos, perseguições religiosas, crises econômicas e do processo de globalização, deram vulto à representação literária do imigrante. Amparada pelo instrumental dos Estudos Culturais e Pós-

¹Doutor em Literatura Comparada (UFRJ); Professor Associado I no DELAC - Departamento de Letras, Artes e Cultura, da UFSJ - Universidade Federal de São João Del-Rei/MG; atualmente, docente permanente e coordenador do PROMEL - Programa de Mestrado em Letras, da UFSJ. Membro do grupo de pesquisa “Poéticas da diversidade”. São João Del-Rei, MG, Brasil. *E-mail:* luizmanoel@ufsj.edu.br  <http://orcid.org/0000-0002-4011-4059>

² Doutora em Literatura comparada (UFRJ); Professora Adjunta do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e docente permanente do Mestrado em Estudos Literários do PPLIN- UERJ. Líder do grupo de pesquisa “Poéticas da diversidade”. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *E-mail:* shirleysgcarr@gmail.com.  <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>

Coloniais, a crítica literária voltou-se também para o escritor migrante, na medida em que, ao produzir literatura, este trazia à baila questões até então pouco discutidas, como a subalternidade, o choque cultural e a integração dos imigrantes aos países de acolhimento, que, assim, se tornaram matéria de ficção, conforme Núbia Hanciau (2006) sinaliza:

A problemática da migração entre culturas preocupa tanto migrantes quanto aqueles que, nascidos no país onde vivem, absorvem outras culturas e com elas alimentam o próprio imaginário, o que se reflete notadamente na produção literária dos últimos anos, em que a extraterritorialidade é *leitmotiv* recorrente. Os autores migrantes são a expressão da interculturalidade e da transculturalidade, são os atravessadores culturais de primeiro plano (HANCIAU, 2006, p. 99-100).

Em suas obras, os escritores migrantes põem em cena a própria experiência e, em um jogo com o imaginário, traduzem as aporias identitárias dos indivíduos que transitam entre diferentes culturas, explorando o entrelugar da tradução e da negociação (BHABHA, 1998, p. 68). Entretanto, segundo Simon Harel (1992), embora muitas dessas obras tenham um traço biográfico, que, segundo o teórico, lhes confere o estatuto de “textos-divã”³, contemporaneamente o termo “escritor migrante”, amplamente utilizado, inclusive pelos próprios autores — como, por exemplo, Salman Rushdie — cede lugar à ideia de “escrita migrante”; escrita essa que, “além de abordar os desdobramentos do trânsito espacial e cultural e a representação do sujeito fora do lugar”, impõe-se “como fonte de reflexão sobre os fenômenos culturais e políticos da contemporaneidade” (CARREIRA; OLIVEIRA, 2018, p.38). Assim, a escrita migrante distancia-se da biografia do autor e aproxima-se da experiência, que não necessariamente precisa ser do escritor.

Dentre os escritores e escritoras da contemporaneidade cujos nomes são normalmente associados ao que se convencionou chamar de literatura pós-colonial indiana figura o de Thrity Umrigar, que teve formação europeia, como tantos outros escritores oriundos de ex-colônias. Sua opção pelos Estados Unidos como pátria de acolhimento é similar à de muitos

³ Simon Harel utiliza o termo “escritas reparadoras”, uma vez que promovem uma espécie de acerto de contas do autor consigo mesmo.

dos seus compatriotas, que têm buscado em solo americano o desenvolvimento educacional e profissional.

Autora de dez romances, entre eles, *A distância entre nós* (2006), em que aborda a questão da opressão à mulher na Índia, Umrigar conquistou um espaço significativo no panorama literário estadunidense. Inicialmente, seus romances focalizavam questões relativas à sociedade indiana, porém essa temática deu lugar às relações entre Oriente e Ocidente e, mais recentemente, à questão do preconceito racial. Contudo, vale aqui ressaltar que mesmo a despeito de se perceber que tem ocorrido esse aludido deslocamento de foco temático nas obras de Umrigar, à medida que novas publicações de sua lavra aparecem e são consagradas pelo público e pela crítica, também é perceptível a recorrência de temas, como o da importância da empatia, da solidariedade e da sororidade entre as mulheres, para que haja uma contrapartida eficaz da parte delas em relação aos impositivos de dominação patriarcal, que não raro as subalternizam, invisibilizam e têm o potencial de lhes causar sofrimentos superlativos.

Ainda com relação às temáticas e também às opções de estratégias narrativas usadas por Thrity Umrigar⁴, é relevante destacar que, quando do lançamento do seu sétimo livro, *O filho de todos*, em 2017, ela surpreendeu-se com as perguntas feitas pelos jornalistas durante as entrevistas, pois, em vez de focalizarem os assuntos usuais, como o enredo, as personagens, etc., detiveram-se no fato de que, sendo indiana, Umrigar havia optado por narrar a história do ponto de vista de um afro-americano. Mesmo tendo adotado os Estados Unidos como sua pátria, a autora percebeu que, assim como o narrador do romance, teria de carregar para sempre uma identidade hifenada, pois continuaria a ser vista por todos como “indo-americana”, e, conseqüentemente, haveria uma expectativa constante de que a sua ficção continuasse atrelada ao tema da migração.

Não obstante, *O filho de todos* (2017) não foi o primeiro romance da autora sobre um personagem negro. *A hora da história*, romance publicado em 2014, narra a história de duas mulheres, uma indiana e a outra negra, e, por meio da conturbada relação de amizade das personagens, envereda por temas que têm estado presentes na obra da autora, como a

⁴ Nascida em Bombaim, atual Mumbai, em uma família da privilegiada casta parsi, Thrity Umrigar mora nos Estados Unidos desde os 21 anos, quando emigrou com a finalidade de estudar Jornalismo. Atualmente ela vive em Cleveland, Ohio, e atua como jornalista de importantes veículos de comunicação e leciona redação criativa e literatura na Case Western Reserve University.

migração e o processo de adaptação a uma nova cultura, assim como também aborda o preconceito racial. A partir de reflexões sobre esses temas, a proposta deste artigo é analisar como as personagens, que são culturalmente diferentes e compartilham uma espécie de solidão existencial, constituem imagens especulares responsáveis por revelar a cada uma o Outro de si mesma, ou seja, a imagem invertida daquilo que julgam ser, configurando um jogo complexo de estranhamentos e conflitos mútuos iniciais que, por intermediação da amizade, da solidariedade, da empatia e da sororidade, será metamorfoseado em uma condição de identificação entre as protagonistas. Assim, essa inversão das suas imagens nesse processo comparativo especular ocorrerá a princípio nas suas diferenças culturais, de nacionalidade, de língua, de classe e de condição social, mas as levará ao reconhecimento de que, apesar dessas diferenças, há pelo menos um fator que as colocará no mesmo patamar: as suas condições subalternas de mulheres em sociedades patriarcais, mesmo que se leve em consideração que a complexa e multifacetada sociedade indiana (oriental) de onde emigrou Lakshmi talvez seja “pior” para as mulheres nesse quesito do que a supostamente “avançada” e mais promissora nação neocolonizadora estadunidense (ocidental), onde Maggie nasceu, vive e sofre preconceitos raciais e também os efeitos de ações masculinas abusivas e opressoras.

Isso posto, nosso principal objetivo aqui é analisar *A hora da história* (2014), pelo viés da apreciação crítica da relevância dos papéis da migração, das relações especulares denotadoras das diferenças e semelhanças entre as protagonistas e do fortalecimento das relações de solidariedade e sororidade entre Lakshmi e Maggie, no processo de reconhecimento das suas posições de subalternidade frente aos processos patriarcais opressivos ocidentais e orientais, com o intuito de vislumbrar a representação identitária mais promissora de ambas tornada possível, mercê da maturidade que a tríade migrações-relações especulares-sororidade conferiu a elas.

1. Migração, estereotipia e preconceito em *A hora da história*

A migração e os deslocamentos de massa têm sido responsáveis por tornar as sociedades étnica e culturalmente mistas, produzindo identidades que são fruto da negociação entre culturas, uma vez que:

Por todo globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo (HALL, 2003, p. 44).

Ao deixar o país de origem, o migrante necessita reterritorializar-se, recriar em um novo espaço o seu lugar antropológico (AUGÉ, 1994, p.4), estabelecendo uma teia de relações que lhe permita reconfigurar a sua própria identidade. Entretanto, a identidade resulta da narratividade do indivíduo, da percepção da diferença, da sua capacidade de exclusão, que opera também por meio de estereótipos.

Se considerarmos que o conceito de lugar está relacionado ao das identidades, das trocas simbólicas e intersubjetividades, poderemos considerá-lo como espacialidade vivida (SOUZA, 2009). Por outro lado, a ideia de território traz sempre implícita uma relação de poder. Assim, o processo de reterritorialização implica negociações com um centro de controle de práticas sociais, de modo que a integração social será o resultado do sucesso dessas trocas. É nesse viés que examinaremos a inserção social de Lakshmi em *A hora da história* (2014), em comparação à da personagem Maggie, que é afro-americana.

Desdobrando o que acabamos de enfocar, as circunstâncias que envolvem Lakshmi deixam transparecer mais algumas nuances, na medida em que a sua situação é a mesma das mulheres pós-coloniais de nações colonizadas ou ex-colonizadas que se reconhecem forçadas a emigrar. Desse modo, a formação ou reconfiguração das suas identidades será fortemente influenciada pelos deslocamentos nacionais ou transnacionais em que serão instadas a se engajar e, mesmo aparentemente protagonizando uma ação, na verdade poderão nesse processo estar sob a mesma forma de dominação masculina a que estavam sujeitas em suas terras natais – tal é o caso de Lakshmi, por exemplo, em *A hora da história* (2014).

Em vista disso, seja na sociedade judaica do passado, por exemplo, seja em contextos mais contemporâneos, a esse respeito, Sandra Regina Goulart de Almeida evoca o pensamento de James Clifford de que as mulheres engajadas em tais processos diaspóricos não raro caem em armadilhas de modelos patriarcais, de passados opressivos e futuros ambíguos (ALMEIDA, 2015, p. 59). Não obstante, a autora também ressalta que mesmo em face desse aparentemente inexorável determinismo talvez exista uma solução para os dilemas

dessas mulheres, pela via da “negociação das relações de gênero”. Nesse sentido, Sandra Almeida também frisa que: “(...) o feminino em trânsito como lócus da movência e da errância ocupa um território liminar, um espaço não somente duplo, como quer Clifford, mas também plural, múltiplo, diverso e também, por vezes, dúbio e ambivalente” (ALMEIDA, 2015, p. 59-60), inaugurando-se uma desejável porta de saída das discriminações e um campo novo de oportunidades para essas mulheres forjarem suas identidades, se desobjetificarem e se tornarem sujeitos femininos pós-coloniais emancipados.

Feitas estas considerações preliminares e passando à análise da obra, percebemos que o romance apresenta dois narradores: Lakshmi, a protagonista, que conduz a narrativa do seu ponto de vista, e um narrador em terceira pessoa, onisciente, que narra a maior parte dos eventos e está centrado na personagem Maggie. Lakshmi é uma imigrante indiana que, solitária e infeliz com o casamento, tenta o suicídio e, no hospital onde é socorrida, passa a ser tratada por Maggie, que é psicóloga. Bem-sucedida profissionalmente, Maggie, às vezes, usa métodos pouco convencionais, aproximando-se mais do que o necessário de seus pacientes, na tentativa de obter melhores resultados. Apesar dessa proximidade, procura manter o protocolo, não se permitindo um envolvimento emocional que possa atrapalhar o tratamento.

Assim como Lakshmi, Maggie é casada com um indiano, muito embora haja uma diferença comportamental e social significativa entre os dois homens. O marido da primeira possui uma loja e um restaurante, onde a esposa trabalha sem remuneração, e manifesta um visível desprezo pela mulher, que se resume na prática cotidiana de chamá-la de idiota. O indiano Sudhir, marido de Maggie, por sua vez, é “um intelectual, um gênio da matemática” (UMRIGAR, 2014, p. 21), agregador e carinhoso.

Dados demográficos⁵ comprovam que a maioria dos indianos que migram para os Estados Unidos tem um poder aquisitivo alto e ensino superior completo, razão pela qual são

⁵ Segundo a obra *The Other One Percent: Indians in America*, de Sanjoy Chakravorty, Devesh Kapur e Nirvikar Singh (2017), houve três ondas de imigração da Índia para os Estados Unidos. A primeira onda deu-se em 1965, no período em que os Estados Unidos implementaram o *Immigration and Nationality Act*, quando 12 mil indianos imigraram para o país, sendo a maioria destes médicos, engenheiros e cientistas. A segunda, nos anos 80, foi de familiares dos que haviam chegado durante a primeira onda. Finalmente, a terceira onda, chamada de geração TI, ocorrida na década de 90, consistiu na vinda de cerca de 100 mil cientistas da computação, que se dirigiram ao país para desenvolver novas tecnologias para empresas americanas.

raros os casos de imigração ilegal entre eles. O marido de Lakshmi foge ao padrão de representação literária do imigrante indiano culto — bastante presente em obras de outros autores, como Jhumpa Lahiri e Salman Rushdie —, pois chegara ao país sem nada e, aos poucos, conquistara o seu pequeno patrimônio.

As duas personagens femininas, por motivos diferentes, envolvem-se sentimentalmente — e sexualmente, no caso de Maggie — com outras pessoas; envolvimento este que é catalisador das ações no romance. Em sua solidão, Lakshmi projeta no jovem Bobby, um freguês assíduo do restaurante, toda a sua carência afetiva e quando este lhe diz que está de mudança para a Califórnia, ela se sente desamparada e sem motivo para continuar a viver:

Eu não disse: Nesse país frio onde eu não tem nenhum amigo nem conhecido, é só você que sorri para mim, que fala como se eu sou uma pessoa e não lixo. Eu não disse: Eu traí marido duas vezes – uma primeira para salvar a minha família, a segunda, a minha alma. Eu não disse. Eu nunca disse nada. Seis comprimidos no frasco de remédio para dor de cabeça do meu marido. Três antibióticos. Dezessete comprimidos verdes para relaxar os músculos quando ele teve dor nas costas ano passado. Eu lembro uma coisa e saio correndo da sala. No armário da cozinha em cima do micro-ondas está o grande pote de Ibuprofeno do Costco. Centenas de comprimidos cor de laranja [...] Eu sinto que preciso rezar. Faz *pooja*. Eu pedir ao Bhagwan misericórdia pelo pecado que eu cometendo. Pedir o perdão do marido também, pelo mal que eu causo para ele [...] ele não tem culpa de não amar eu (UMRIGAR, 2014, p. 11).

A dificuldade de adaptação ao país de acolhimento evidencia-se na citação acima. A vida de Lakshmi se resume ao trabalho no restaurante e ao papel de esposa, que, na realidade, não vivencia por completo. Não há, tampouco, uma interação efetiva com a cultura estadunidense. A negociação entre culturas, que possibilita o pleno processo de reterritorialização, é assim comprometida. Outro aspecto a ser observado é a dificuldade que Lakshmi tem com o idioma, pois, apesar de o inglês ser uma das línguas oficiais da Índia, a versão indiana apresenta sensível diferença no que diz respeito ao vocabulário e à gramática devido à influência dos dialetos locais.

O primeiro contato entre Lakshmi e Maggie ocorre no hospital. A escolha de Maggie para acompanhar o caso deveu-se ao fato de ela ser casada com um imigrante indiano:

— Maggie? Ainda bem que você ainda está aí. — Era o chefe de Margaret, Dr. Richard Cummings, diretor da unidade de psiquiatria. — Preciso conversar com você sobre uma paciente. Você tem um minuto?

— Na verdade eu estava de saída, Richard. Não dá para esperar até semana que vem?

— Na verdade não. Recebemos uma internação tardia. Veio direto da emergência. Um caso difícil. Uma imigrante. Tentativa de suicídio. Não consegui fazer com que dissesse uma única palavra. O marido garantiu que ela entende inglês, mas ele pode ter me enganado [...]

— Ah, Maggie? Mais uma coisa. Só uma informação: ela é indiana. Achei que você deveria saber disso. Pode ser que, você sabe, seja útil ou qualquer coisa assim. Até segunda.

É claro, esse foi o verdadeiro motivo pelo qual Cummings pediu para que ela ajudasse: porque era casada com Sudhir. Ela já devia saber disso. Depois de todos aqueles anos de trabalho no hospital, apesar de ser a melhor psicóloga da equipe, quando Cummings a via, ainda enxergava a mulher negra casada com um imigrante indiano que dava aulas na universidade. Deus do céu, como ela odiava trabalhar naquela cidade de branquelos. (UMRIGAR, 2014, p.19-20)

A citação aponta para dois aspectos de especial relevância: o primeiro resulta da estereotipia; enquanto o segundo, da percepção do preconceito racial. O termo estereótipo vem do grego *stereos* (sólido, firme) e do latim *typus* (modelos, exemplos, símbolos), portanto, corresponde a um modelo fixo de imagem (CUNHA, 1991). Segundo Tajfel (*apud* SOUSA; BARROS, 2012, p. 204) “[...] a estereotipia implica fatores cognitivos, avaliativos e emocionais” e “os factores avaliativos são basicamente o resultado da assimilação de valores sociais”. Aos olhos de Cummings, a capacidade de Maggie para lidar com a imigrante indiana advém do seu casamento inter-racial. Essa suposição decorre de uma estereotipia, pois a questão étnica sobrepuja a competência profissional. Por outro lado, Maggie se sente alvo de preconceito. Assim, sendo “o outro” na “cidade de branquelos”, ela é considerada apta a interagir com alguém que também carrega a marca da outridade:

O que Cummings esperava que ela fizesse? Que entrasse no quarto da paciente dizendo “Ei, adivinha só! Nós duas somos casadas com indianos. Por isso, pode confiar em mim, irmã!”? Será que os brancos acreditavam em algum tipo de solidariedade primitiva entre todas as pessoas com outra cor de pele? Será que Cummings ficaria desapontado se ela e a paciente não criassem um elo em meio a xícaras de chá e receitas de samosas enquanto assistiam a vídeos de Bollywood? (UMRIGAR, 2014, p. 20).

O capítulo 3 do romance, narrado por Lakshmi, mostra que a percepção da alteridade ocorre de formas diversas, pois a narradora não consegue esconder o estranhamento ao deparar com o rosto negro da médica:

Levo um susto e levanto a cabeça e então fico chocada quando vejo uma cara preta. Nunca fiquei perto de uma pessoa preta antes. Fico com medo e penso que vou fazer xixi na camisola. Eu apoio as mãos para me afastar e descansar minhas costas na parede [...] Olho para o teto, o chão, a cama, os joelho dela, tudo, menos a cara. Marido sempre diz para não falar com preto. Eles mentem e enganam, ele diz. Vão roubar a caixa registradora se você olhar para o lado só por um minuto (UMRIGAR, 2014, p. 24).

A reação de Lakshmi não surpreende Maggie, pois, desde que se casara com Sudhir, se acostumara aos olhares de espanto das pessoas ao verem que “o professor Bose, sobre quem eles ouviam seus filhos falarem tanto, era casado com uma mulher negra” (UMRIGAR, 2014, p.191). E também não havia como esquecer suas viagens a Boston à época da faculdade e a discriminação que eventualmente sofrera:

A primeira vez que tentou comprar maçãs no Hay market, ela observou o rosto corado e hostil do vendedor, que gritou com Maggie quando ela tocou em uma fruta, o que a fez tremer. Ela continuou a andar, dizendo a si mesma que não era nada pessoal, que ela havia apenas dado de cara com a famosa grosseria de Boston, quando ouviu o homem murmurar: “Sua putinha preta imunda”. Maggie deu meia-volta, com os olhos já repletos de lágrimas, mas ele estava sorrindo para outra cliente, passando uma toalha de papel na maçã (UMRIGAR, 2014, p.96).

Segundo Emilio Santoro (2014, p.17), a representação estereotípica é reducionista, uma vez que reduz a complexidade dos indivíduos a poucas características, negando-lhes uma identidade específica. Na citação acima, o estereótipo é compreendido como uma identidade de grupo negativa, que resulta em um processo discriminatório.

Para Sousa e Barros (2012, p. 202) “o estereótipo é lido como uma estratégia de dominação-subordinação”, amplamente utilizada para inferiorizar o outro. No romance, os imigrantes indianos reproduzem automaticamente um preconceito contra os negros resultante de um estereótipo produzido unicamente com o intuito de discriminar e excluir. Em sua limitação, Lakshmi pensa que a mulher negra fora enviada para amedrontá-la e, ainda sob o efeito da visão estereotipada, diz-lhe que não tem dinheiro. Em uma última tentativa de aproximação, Maggie menciona que também é casada com um indiano e se surpreende com a reação de Lakshmi, que a chama de mentirosa:

— Você me chamou de mentirosa?

Eu não fala nada, mas estou pensando. Homem indiano nunca casa com preta. Vou contar essa história para marido na visita de amanhã. Eu quero olhar para a cara da mulher, mas tenho medo. Então eu olho para a mão dela. Ela usa um bracelete de prata e está revirando, revirando sem parar alguma coisa dentro da bolsa. Ela tira um papel e chega mais perto.

— Este é o meu marido — ela diz. — Ele dá aula de matemática na universidade aqui perto. O nome dele é Sudhir Bose. Tenho certeza de que ele compra na sua loja.

Eu deixo a cabeça parada, olhando para a frente, mas meu olho se mexe sozinho para a foto. Vejo um homem indiano, alto e bonito, vestido de kurta e sentado num sofá, a cara dele sorri. Mas meu coração faz tum-tum rápido porque vi o braço dele em volta da moça preta com brinco comprido de ouro e batom vermelho (UMRIGAR, 2014, p. 26).

A demonstração de afeto que a foto transmite não apenas causa estranheza à Lakshmi, como também torna ainda mais evidente a sua solidão. À medida que o romance prossegue, o leitor toma ciência de que o relacionamento entre ela e o marido, Adit Patil, é estranhamente complicado, ainda que para os padrões de uma cultura em que os casamentos são arranjados, como a indiana. Adit nunca se dirige a ela dizendo o seu nome, desvia o olhar do rosto dela e evita tocá-la. No hospital, quando ele vai visitá-la, pela primeira vez Lakshmi tem a ousadia de pedir-lhe para remunerar o seu trabalho no restaurante e na loja, o que ele recusa

veementemente: “— O suicídio deixou você maluca? Eu pagar você, como pago à empresa de luz? Como eu pago a conta de gás? [...] Só mulher folgada fala assim com o marido, Lakshmi. Sou eu que alimenta você, veste e coloca teto sobre a sua cabeça”(UMRIGAR, 2014, p. 40). Essa passagem evidencia a subalternidade feminina na cultura indiana, que, no caso de Lakshmi, parece ser agravada por uma total falta de afinidade entre os cônjuges. Não há, por parte de Adit, um mínimo esforço para amenizar o processo de adaptação de Lakshmi ao novo país, o que intensifica o seu isolamento e o seu sentimento de inadequação.

Quando Maggie finalmente conhece Adit, percebe que ele vê a mulher como uma empregada e não como uma esposa. Interessada em descobrir porque Lakshmi desejou morrer, Maggie tenta fazer com que ela lhe conte o motivo. A resposta da narradora é breve, mas lhe dá uma pista: “— Eu sou sozinha — digo. — Eu não tenho relação com família neste lugar. Eu sou sozinha” (UMRIGAR, 2014, p. 44). A ruptura com a terra natal, como afirma Said (2003, p. 46) é “uma fratura incurável” e Lakshmi se sente privada das suas raízes, da sua história.

Maggie, por fim, obtém a confissão que deseja e descobre que Lakshmi havia se apaixonado pelo freguês do restaurante, um jovem branco, de olhos azuis, que sempre a tratara com cortesia. Inquirida sobre as relações entre ela e o marido, Lakshmi afirma:

— Minha Ma sempre diz: Amor vem devagarzinho no casamento. Por isso eu não era preocupada. Eu faço minha função na cama com ele e não sinto nada. Mas eu não era preocupada. Mas agora já passou seis anos e eu sei a verdade: o amor não está vindo para mim. Eu não tenho nenhum sentimento por ele, madame (UMRIGAR, 2014, p. 59).

A confissão faz com que Maggie reflita sobre o seu próprio relacionamento com Peter, um homem branco, professor visitante da universidade em que o marido trabalha, com um temperamento totalmente oposto ao de Sudhir, que pertence a uma conservadora família de brâmanes e “havia sido criado para ser cortês com todos, para ser respeitoso e protetor com as mulheres, que era cuidadoso por natureza e meticuloso por treinamento” (UMRIGAR, 2014, p. 51).

Ao casar-se com Sudhir, Maggie acreditara ter encontrado um ponto de equilíbrio, pois ele lhe dera um senso de lar, de família, de pertencimento (UMRIGAR, 2014, p.98).

Abusada pelo próprio pai quando criança, ela abandonara a casa muito cedo para conquistar seu espaço no mundo, enfrentando muitos obstáculos, entre eles, o preconceito racial, que, mesmo não sendo constante, deixara suas marcas. Sudhir surgira como um ponto de estabilidade em meio às turbulências. Entretanto, a chegada de Peter havia posto tudo isso à prova:

Só que o Sudhir da cama era o mesmo Sudhir do mundo: calado, eficiente, competente, sem drama. Ele jamais perdia a cabeça na cama, porque jamais perdia a cabeça no mundo. E Peter investigava cada canto do seu corpo com a ânsia de um explorador que mapeia um novo continente (UMRIGAR, 2014, p.21)

Assim, por um momento, Maggie sente que ela e Lakshmi têm algo em comum e, ainda que de uma forma não perceptível, se comove com a situação e a solidão da outra mulher. A empatia inicial e a amizade subsequente de Maggie pela imigrante indiana fornecem as bases para o estabelecimento de uma atmosfera de sororidade entre as duas. Desse modo, instalam-se as condições para minar as filigranas sutis da dominação masculina infiltradas nos vários estratos da sociedade oriental indiana trazidas da Índia para os EUA por Lakshmi como legado de opressão e sofrimento, bem como para Maggie poder enxergar melhor os escolhos relativamente semelhantes que também a vitimam na “avançada” sociedade ocidental estadunidense.

2. Especularidade e sororidade como elementos de superação de traumas e empoderamento das protagonistas femininas

À época do lançamento, o romance foi recebido por alguns críticos como mais uma obra sobre os efeitos empoderantes da sororidade⁶, de forma que, mesmo reconhecendo que há inúmeras outras abordagens analíticas possíveis para *A hora da história* (2014), levaremos aqui em conta primordialmente esse aspecto, juntamente com a noção de especularidade entre as histórias e as trajetórias dessas protagonistas, aparentemente muito diferentes e sujeitas a injunções de opressão também supostamente muito distintas, para analisarmos as personagens

⁶ Cf. recensão de Barbara Esstman para o *Washington Independent*, disponível em: <http://www.washingtonindependentreviewofbooks.com/index.php/bookreview/the-story-hour>

Lakshmi e Maggie. Para tal tarefa, temos em mente que um importante ponto de convergência entre elas é uma sensação de inadequação ao meio em que vivem. A despeito disso, nessa linha de abordagem, podemos também conceber as duas protagonistas como imagens distorcidas uma da outra, num processo de espelhamento de situações, em que à primeira vista suas imagens e condições são opostas. Contudo, em última análise, poderemos perceber que esse processo especular poderá revelar bem mais do que a tradicionalmente invertida (e aparentemente oposta) imagem uma da outra, quando a outridade de cada uma ultrapassar esses limites e então surgirem possibilidades factíveis de identificação entre elas.

Nesse contexto da especularidade, cabe aqui uma breve reflexão sobre a imagem do Outro, cuja percepção pode revelar ao indivíduo algo sobre si mesmo. Em *Identidade e etnia*, C. R. Brandão resume assim a problemática da alteridade:

O outro sugere ser decifrado, para que lados mais difíceis de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu (BRANDÃO, 1986, p.7).

A questão da alteridade em *A hora da história* (2014) é complexa, uma vez que, embora tenha nascido nos Estados Unidos e tenha uma história de vida completamente diferente daquela da sua paciente, Maggie não vê Lakshmi apenas como uma imigrante estrangeira. Não só porque a cultura indiana passara a fazer parte de sua vida desde o casamento com Sudhir, como também, e principalmente, pelo fato de que, de alguma forma, aquela mulher lhe lembra sua sensação de inadequação, de estranhamento em relação ao seu próprio meio. Essa percepção avulta à medida que o tratamento prossegue.

Maggie condiciona a alta da paciente à obrigatoriedade da terapia e propõe que o tratamento seja feito em seu consultório particular, anexo à sua própria casa, uma vez que o hospital é distante da residência do casal Patil. Contudo, o marido de Lakshmi interpreta a oferta como uma forma de exploração e só a aceita quando Maggie lhe garante que não cobrará por seus serviços.

Na primeira sessão de terapia após a alta, Lakshmi vai sozinha de ônibus ao consultório de Maggie e, ao chegar, lhe diz que foi auxiliada por um “motorista muito bom” que pertencia à mesma “casta” de Maggie, isto é, que também era negro. Essa passagem demonstra o fato de que a visão estereotipada de Lakshmi em relação aos negros começa a ser desfeita. Entretanto, o modo de a personagem ver o mundo está ainda condicionado aos termos de sua própria cultura.

Quando a nova paciente a presenteia com comida indiana, Maggie reage com estranheza e só a aceita quando a outra argumenta que em sua vila é comum dar presentes para “médico sahib”. No entanto, o que realmente ocorre é que Lakshmi não compreende exatamente o significado da terapia; na sua concepção da situação, ela julga que ela e Maggie estão tecendo uma relação de amizade.

As idas e vindas ao consultório dão a Lakshmi uma liberdade que nunca tivera, permitindo que ela aprecie a cidade “como americana de verdade” (UMRIGAR, 2014, p. 85), o que pode nos remeter à noção de que a reterritorialização exige uma relação rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 2004) com o meio, para que as trocas culturais permitam a reconstrução do sentido de pertencimento. Ademais, é possível observar no romance que a submissão de Lakshmi ao marido e seu vínculo com as tradições de seu país ergueram uma espécie de muralha de isolamento em relação aos estadunidenses, que a breve interação com o jovem freguês americano branco de olhos azuis no restaurante do seu marido não fora suficiente para romper. Ao libertar-se do controle de Adit Patil, ela impõe uma “negociação” de gênero a seu favor (ALMEIDA, 2015, p. 59) e passa a ter um novo olhar sobre o seu casamento com ele, sobre o país que a acolhe e sobre as oportunidades reais de interação social e cultural que começam a se mostrar plausíveis.

Neste passo da presente análise, vale frisar que os laços que unem as mulheres, ou a ausência deles, em função de as mulheres em muitas sociedades reproduzirem as discriminações patriarcais contra as suas iguais, são alternadamente fatores que podem determinar a aquisição de emancipação identitária das mulheres, ou impossibilitá-la de uma forma dramática. A esse respeito, a teórica feminista bell hooks (1997) afirma que as mulheres sempre foram o grupo mais vitimado pela opressão de cunho sexista, com o respaldo de estruturas institucionais e sociais, sendo socialmente treinadas para assumirem comportamentos que as farão agir em cumplicidade com o *status quo* patriarcal e se tornarem

inimigas ou adversárias umas das outras. Para pôr um fim nisso, hooks (1997) defende que as mulheres se conscientizem de que tais situações não são “naturais” e formem redes de solidariedade e sororidade.

Seguindo uma linha de argumentação muito parecida com a de bell hooks (1997), Audre Lorde (1997) defende a ideia de que se as mulheres reconhecerem que a luta a ser travada não deve ser meramente contra as situações opressivas em si, mas sim contra a parte do opressor que está dentro delas, que foi lá infiltrada por milênios de maquinações patriarcais de desvalorização e objetificação das mulheres, será muito mais fácil para as mulheres atingirem um estado de sororidade mais sólido, porque baseado em reflexões, conhecimento e análise profunda de situações cristalizadas e encaradas pela sociedade patriarcal como “naturais”, principalmente quando tais situações tenham a ver com o endosso automático pelas mulheres de posições de animosidade e adversidade umas com as outras, em claro benefício dos interesses que invisibilizam e objetificam as mulheres no escopo androcêntrico das sociedades patriarcais.

Nesse sentido, de algum modo as posições de bell hooks (1997) e Audre Lorde (1997) vêm ao encontro do que a historiadora indiana Rehka Pande (2009) idealiza para as suas conterrâneas da Índia, que por milênios foram aptamente treinadas como algozes umas das outras, nas várias relações sociais e culturais que mantinham entre si, todo esse processo quase que inevitavelmente originado em necessidades artificiais de referendar a dominação masculina sobre as mulheres. Assim, para Pande (2009), é mais do que premente a construção de uma nova história da Índia, em que seja conferido às mulheres um papel igualitário em relação ao dos homens, de forma que essas novas concepções mais empoderantes possam também ser levadas para fora da Índia, quando as mulheres envolvidas decidirem se engajar em diásporas. No entanto, a historiadora adverte que tudo isso só se tornará factível se as mulheres indianas lutarem e tiverem a coragem de se deslocarem para fora da perspectiva androcêntrica e elitista que lhes foi imposta até então, de modo que possam “se empoderar e desempenhar o papel de sublimar cicatrizes do passado e de construir uma nação forte” (PANDE, 2009, p. 174).

Levando então em consideração essas pequenas doses de agência e empoderamento incipiente a que Lakshmi passa a ser submetida, o seu equilíbrio emocional é restaurado ela

começa a ver em Maggie o elemento catalisador de toda aquela mudança, inclusive do seu desejo de ter sua própria renda:

Até a casta mais baixa dos fazendeiros *dalits* tem algum dinheiro só deles. Mas eu mulher pobre de um homem de negócios rico. O marido gasta quarenta e cinco dólares toda semana com garrafa de uísque. Ele trata os amigos de jogo de carta com comida de graça. Marido pobre só quando fica perto de mim. Eu trabalho como um cachorro no restaurante dele, na loja, mas sem salário (UMRIGAR, 2014, p. 88).

A história de Lakshmi é revelada aos poucos, nos capítulos que ela narra e em seus breves resgates da memória. Ainda criança salvara a vida do homem mais rico da vila em que nascera e, em troca, ele lhe prometera pagar os seus estudos. Lakshmi sonhara em continuar a estudar e se formar, porém o curso da vida mudou seus planos. Maggie exorta Lakshmi a realizar seus sonhos, porém percebe que ela sente muito medo do marido. Mentalmente, Lakshmi pensa na diferença entre elas:

Marido dela parece Shashi Kapoor, ele deixa ela fazer piada com ele, beijar ele na entrada de carro. Meu marido olhar para mim do mesmo jeito que olhar para uma lasca de osso que fica presa no dente dele quando ele come cabrito com curry [...] Meu marido não me deixa dirigir, ligar para minha irmã, fazer amigos, assistir TV depois que ele dorme. Uma vez, no começo do casamento, eu implorei para ele me levar para ver o lago. Sabe o que ele fez? Ele encheu a banheira de água e disse: Quer ver água? Olha. Lago é igualzinho a uma grande banheira (UMRIGAR, 2014, p. 90).

A oportunidade de ajudar Lakshmi surge quando Sudhir decide dar uma festa e a convida para preparar pratos indianos. O desempenho de Lakshmi é elogiado e ela consegue vários contatos de trabalho. Entretanto, nesse mesmo dia, a relação entre Maggie e Lakshmi é fortemente abalada, quando, em uma conversa com uma convidada, esta percebe que a psicóloga não a vê como amiga, mas apenas como paciente.

Ao levá-la de volta a casa, de carro, Maggie ouve a conversa entre Sudhir e Lakshmi e se põe a pensar em como o fato de estarem em um outro país se tornara um elemento de aproximação entre ambos, pois, na Índia, Sudhir não conversaria com tanta facilidade com alguém do estrato social de Lakshmi. Tudo o que os separaria, como língua, região, classe, casta, educação, deixa de ter importância nesse novo contexto, pois “Nos Estados Unidos, todas as diferenças se tornavam tênues diante do imperativo de suas peles morenas” (UMRIGAR, 2014, p.110). Um dos fatores mais relevantes para o processo de aculturação dos imigrantes é o vínculo com compatriotas em solo estrangeiro e essa passagem do romance de Umrigar ilustra bem isso. Para os de uma mesma etnia, as diferenças dão lugar ao compartilhamento de memórias, de referenciais.

Nesse sentido, a ênfase dada às peles morenas tem especial significado para Maggie, pois a coloração da pele é um traço fenotípico, que independentemente da origem do indivíduo, produz tanto a identidade quanto a diferença.

Assim como, no passado, a escolha profissional proporcionara a Maggie independência e contribuía para a sua autoafirmação como indivíduo, o trabalho passa a ser uma válvula de escape para Lakshmi, que aprende a dirigir e conquista sua independência:

Como vou para os trabalhos? Vou contar. Eu dirijo. Agora nevando e eu sinto medo — essa região tem tantas subidas —, mas eu dirijo. Sabe por quê? Porque eu sinto mais medo de não dirigir. Eu sinto mais medo de ficar em casa sentada, de trabalhar na loja e no restaurante do marido, de estar morta por dentro como eu era durante cinco anos. Marido não feliz com minha nova vida, mas ele feliz com dinheiro sem esforço que eu dou para ele (UMRIGAR, 2014, p. 129).

Entretanto, a reação de Adit à mudança de comportamento da esposa é permeada de preconceito contra Maggie, pois ele sente que a ordem familiar tradicional começa a ser rompida:

— Eu devo a ela? — Voz de marido tão alta como a minha. — Eu? O que aquela nega fez por mim? Ela enchendo a cabeça da minha mulher com pensamento grande e metido à besta. Ela tentando romper meu... A dor dos meus pés agora entra na minha cabeça. Este homem que me dá dor de

cabeça. — Não chama ela de nega. Isso... isso insulto! A sua própria pele mais escura que a da Maggie. O nome dela... chama ela do jeito certo. “Afro-americana” é o jeito certo. Marido olha para mim com a boca aberta. — Weah, Weah, Lakshmi. Você acha que só porque tem alguns empregos de faxina, porque você dirige carro e ouve aquelas fita idiota para aprender a falar inglês direito você agora *memb sahib* americana? Que agora pode ensinar seu marido a falar? (UMRIGAR, 2014, p. 147).

Os impropérios do marido ao julgar que ela tenta corrigi-lo já não são suficientes para amedrontá-la e ela se recorda de que Sudhir lhe havia dito que ela agora era americana, com os mesmos direitos das outras pessoas. Lakshmi não enfrenta apenas a saudade da família, com a qual o marido proíbe o contato; enfrenta a solidão de um casamento sem amor e a subalternidade que Adit lhe impõe por ser mulher.

Ao mesmo tempo em que se sente feliz por estar em um país em que não há separação entre castas⁷, Lakshmi demonstra o quanto esse traço cultural está entranhado em sua formação, pois fica indignada quando Bettina, uma das senhoras para quem trabalha, lhe pergunta se é uma intocável:

Eu olho bem para Bettina. Ela está achando que eu ser uma harijan? Uma dalit? A mais baixa de todas as castas? Por acaso eu pareço com uma dalit? Será que meu marido, que é dono da sua própria loja e restaurante, ia casar com uma dalit?

— Não, madame! — eu falar bem alto. — Eu ser de casta mais alta. Eu só não ser brâmane (UMRIGAR, 2014, p. 132).

A confiança que se estabelece entre Lakshmi e Maggie faz com que a primeira decida revelar algo que sempre ocultara: “Eu sei que meu marido tão sozinho nesse casamento quanto eu. Sou eu que impedi ele de casar com mulher que é seu amor” (UMRIGAR, 2014, p.130). O segredo de Lakshmi consiste no modo como enganara o marido, que, na realidade, pretendia casar-se com sua irmã Shilpa. Como esta estava apaixonada por Dilip e ameaçar a

⁷A origem do sistema de castas é desconhecida, mas encontram-se relatos dela nos vedas, textos sagrados antigos do Hinduísmo. Sua divisão é baseada no corpo da divindade criadora do universo, Brahma. A classe mais elevada, de sacerdotes e letrados, os Brâmanes, deriva da cabeça de Brahma, a dos xátrias, classe dos guerreiros, advém dos braços de Brahma, a classe dos comerciantes, camponeses e artesãos, os vaixias, derivam das pernas da divindade e os sudras, que são os servos, derivam dos pés. À parte, existe uma outra categoria, derivada da poeira sob os pés de Brahma, a dos párias, ou dalits, também conhecidos como “intocáveis”. Dessa composição original, surgiram centenas de subdivisões (CARRIÈRE, 2002, pp. 65-76).

matar-se se fosse obrigada a casar com outro homem, Lakshmi apresentara-se com as vestes da noiva no dia do casamento, só sendo descoberta a uma certa altura do ritual, em que o noivo levanta o véu da esposa. Ao contrário do que imaginara ao arquitetar o plano, o casamento não foi desfeito naquele momento, pois o pai do noivo exigiu que ele cumprisse o seu papel, para que as famílias não fossem envergonhadas.

A confissão faz com que Maggie se decepcione com ela e sinta-se também vítima do enredo tecido por Lakshmi, pois durante todo aquele ano, pensara que estava ajudando uma imigrante impotente, presa a um casamento sem amor, e a revelação a deixara sem palavras:

O silêncio entre elas se prolongou. Naquele silêncio, Maggie tremeu diante da consciência de como eram vastas as diferenças entre as duas quando comparadas às similaridades. No primeiro encontro delas, Maggie ficara impressionada pelo tanto que tinham em comum: seus casamentos com homens indianos, a morte prematura das mães. Agora, ela se dava conta de quão superficiais eram aquelas similaridades. E de quão imenso era o abismo que as separava: educação, língua, nacionalidade, raça. A ideia de que elas poderiam ser amigas era risível. Foi Lakshmi quem determinara que havia uma amizade entre elas. Enquanto para Maggie, a outra mulher havia confundido simpatia, afeição e pena com amizade (UMRIGAR, 2014, p.178).

Indubitavelmente, Lakshmi agira assim em prol da felicidade da irmã, de quem cuidara após a morte da mãe, e esperava, em vão, que a psicóloga entendesse isso. Entretanto, a reação não fora a esperada. Nesse ponto, há um espelhamento situacional, pois, algum tempo depois, Lakshmi vai à casa da médica fora dos dias habituais e surpreende Maggie com Peter no quarto. Incapaz de compreender o motivo pelo qual a psicóloga trai o marido, antes de sair, Lakshmi coloca um colar que encontra no chão — e que é a prova da presença de Peter na casa — em um local onde Sudhir possa encontrá-lo. A ruptura do casamento de Maggie e Sudhir leva também ao rompimento do tratamento e, conseqüentemente, do contato entre ela e Lakshmi.

O papel de Maggie na reconfiguração identitária de Lakshmi havia sido preponderante e esta o reconhece: “Por um ano, minha vida se tornou uma casa grande porque Maggie entrou nela. Ela dava para minha vida cor e um novo formato. Mas Maggie agora foi embora.

E eu não tenho ideia se a casa nova vai ficar em pé ou desabar”. Seu casamento com Adit mudara radicalmente e passaram a ter um relacionamento afetivo verdadeiro. Pudera, inclusive, reatar os laços com sua família. Entretanto, o fantasma da vingança que cometera ainda a perseguia. Quisera que Maggie a perdoasse e entendesse que ela pertencia a outro mundo, outra cultura. Porém, quando os papéis se inverteram, ela a julgara segundo os seus próprios padrões de comportamento.

Fazendo a limpeza da casa em que Sudhir mora após a separação, Lakshmi tem a oportunidade de lhe dizer o que realmente pensa:

— Eu fiz um grande erro — eu disse. — Eu deixei o colar para você encontrar porque eu tinha raiva de Maggie. Eu uma vez contei um segredo para ela. De uma coisa ruim que eu fiz. E ela não me entendeu totalmente. Ela... ela me julgou. E então, quando eu tive uma chance, eu fiz essa coisa má. Para machucar ela. Mas eu não pensei no que eu faço com você [...] Sudhir babu, porque eu pensei que você homem forte. Homem esperto. Eu não sabia que você era assim fraco. Eu não sabia que o senhor idiota como eu. Se eu sabia que você como eu, não ia fazer coisa tão cruel. Mas eu sou garota pobre do vilarejo. Você é professor da faculdade. Então eu achei que você mais esperto que eu, mas eu estava errada. Eu não sou melhor que você, Sudhir babu. Maggie minha melhor amiga. Ela não pediu nada de mim, ela só me deu e deu e deu. Mas por causa de uma vez que ela me julgou, eu fiz essa coisa ruim. Maggie melhor que nós dois (UMRIGAR, 2014, p. 235).

Consciente de que deve àquela mulher — em cuja agenda de trabalho havia uma anotação às segundas-feiras: “Hora de Lakshmi”— a conquista da própria identidade, Lakshmi vai à Califórnia, ao encontro de Maggie e tem a oportunidade de dizer-lhe que fora daquele modo, hora após hora, história após história, que a psicóloga a construíra, concedendo-lhe outra vida.

Como psicanalista, Maggie sabe que a construção de uma identidade deriva de processos de identificação estabelecidos por meio de categorias socialmente disponíveis, e que, para Lakshmi, ela fora um exemplo. Por isso mesmo, “sentia muito por ter se tornado um modelo tão abominável. Sentia pela amizade de ambas ter chegado a um fim tão abrupto e ignóbil. Lakshmi trazia vitalidade e fascinação à sua vida. Ela sentia falta disso” (UMRIGAR, 2014, p. 241).

Cada uma, interpretando a imagem especular a seu modo, torna-se capaz de refletir sobre as próprias fraquezas, sobre a própria identidade e seu lugar no mundo. Nesse encontro que põe fim à narrativa, Lakshmi tem a oportunidade de narrar mais uma história: de como o Outro nos propicia uma imagem do eu.

Considerações finais

A hora da história é um romance que trata de deslocamentos físicos e psicológicos, de busca de autoafirmação identitária, de estereótipos e preconceito, mas também de sororidade. Assim, a proposta deste artigo foi partir de reflexões sobre essas questões para analisar as personagens na perspectiva de uma alteridade que funciona como imagem especular e que se desdobra no terreno fértil para o desenvolvimento da empatia, da solidariedade e da sororidade entre as protagonistas, como forma de minar as sutilezas da dominação masculina sobre as mulheres, que sempre constituíram óbices ao seu pleno desenvolvimento identitário, psicológico, social e profissional.

Lakshmi e Maggie têm em comum o fato de serem casadas com indianos e sentirem uma solidão existencial que parece insolúvel. O preconceito racial, do qual Maggie é alvo, encontra seu correspondente no sistema de castas que afeta a vida dos indianos dentro e fora da Índia. Muito embora no romance esse aspecto seja apenas tangenciado, pesquisas recentes demonstram que as comunidades indianas nos E.U.A. ainda consideram a diferença de castas como algo relevante⁸. Mesmo na condição de imigrantes, e, portanto, sujeitos a algum tipo de discriminação, o casal Patil reproduz o discurso racista oriundo da visão estereotipada do negro.

Se para Maggie o sentimento de pertencimento estava condicionado à aceitação da cor de sua pele, para Lakshmi, ele depende de uma reconfiguração identitária, que, sem desfazer os laços com a terra natal, lhe permita vivenciar a cultura em que está inserida.

A revelação dos segredos, a exemplo de várias outras situações das vidas das protagonistas, evoca imagens especulares, que fazem da outridade uma representação distorcida da identidade. Ao emitirem juízo de valor com base em suas diferenças culturais,

⁸ Cf. <https://www.pri.org/stories/2019-03-08/us-isn-t-safe-trauma-caste-bias>

Lakshmi e Maggie negam a própria falibilidade. No entanto, as suas tarefas já estão cumpridas e elas estão melhores do que antes, porque, mesmo à custa de muita dor e das tensões entre as diferenças e semelhanças entre elas, tanto Lakshmi quanto Maggie cresceram. Assim, a sororidade que passou a permear as suas trajetórias conferiu-lhes as lentes necessárias para elas enxergarem o que de comum havia nas suas imagens especulares aparentemente invertidas: que, a despeito de pertencerem a sociedades patriarcais distintas, uma oriental e outra ocidental, a natureza das opressões que sofriam era de mesma origem: patriarcal.

Em última análise, acreditamos que a tríade migrações-especularidade-sororidade, que propomos para analisar a trajetória de emancipação de Lakshmi e Maggie, provou-se eficaz, não somente pelo que já discorremos sobre a especularidade e a sororidade, mas também porque, assim como Lakshmi teve que migrar, geográfica e psicologicamente, da Índia para os EUA, com todas as agruras que esse processo traumático implicou para ela, de forma semelhante, o contato com Lakshmi e a relação especular que isso gerou fizeram Maggie “migrar” da posição de ignorância da integralidade da sua situação de opressão e subalternidade, para uma posição de mais autoconhecimento e de melhor entendimento dos mecanismos opressivos patriarcais da sua própria “avançada” sociedade (ocidental) estadunidense, bem mais sutis do que os da sociedade (oriental) indiana.

Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias Contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. Tradução de Lúcia Muznic. Lisboa: Bertrand, 1994.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRANDÃO, C. R. *Identidade e Etnia*. S. Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

CARREIRA, Shirley de S. G.; OLIVEIRA, Paulo César S. de. Escritas migrantes: deslocamento em identidade na narrativa brasileira contemporânea. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 35-50, 2018.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *Índia – Um Olhar Amoroso*. Tradução de Claudia Fares. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CHAKRAVORTY, Sanjoy; KAPUR, Davesh; SINGH, Nirvikar. *The Other One Percent: Indians in America*. New York: Oxford University Press, 2017.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1991.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.

GAHAGAN, J. *Comportamento interpessoal e de grupo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2003

HANCIAU, Núbia. O entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005, p. 215-241.

HAREL, Simon. La parole orpheline de l'écrivain migrant. In: NEPVEU, Pierre et MARCOTTE, Gilles (dir.). *Montreal imaginaire: ville et littérature*. Québec: Éditions Fides, 1992.

HOOKS, Bell. Sisterhood: Political Solidarity between Women. In: McCLINTOCK, Anne *et al*, eds. *Dangerous Liaisons: gender, nation, and postcolonial perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

LORDE, Audre. Age, Race, Class, and Sex. In: McCLINTOCK, Anne *et al*. (Ed.). *Dangerous Liaisons: gender, nation, and postcolonial perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, pp. 374-380.

PANDE, Rehka. The Status of Women in the Past – Some Historical Memories. In: RAMAKRISHNAYYA, M. (Ed.). *Historical Memories and Nation Building in India*. 2009. p. 162-174. Disponível em: <https://www.academia.edu/3713526/The_status_of_women_in_the_past-some_historical_memories>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTORO, Emilio. Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias. *Revista de estudos constitucionais, hermenêutica e teoria do direito*. São Leopoldo, v. 6, n. 1, jan./jun. 2014, p. 15-30.

SOUSA, Karla Cristina Silva; BARROS, João de Deus Vieira. Estereótipos étnicos e representações sociais: uma breve incursão teórica. *Revista Educação e Emancipação*. São Luís/ MA, v.5, n.2, jul/dez. 2012, p. 201-226.

SOUZA, M. L. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.) *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p.57-72.

UMRIGAR, Thrity. *A Distância entre nós*. Tradução de Paulo Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. *A hora da história*. Tradução de Amanda Orlando. São Paulo: Globo Livros, 2014.

Migrations, specularity and sorority: the empowering identity trajectories of the protagonists of Thrity Umrigar's *The Story Hour*

Abstract: This article has as its main aim the analysis of Thrity Umrigar’s novel *The Story Hour* (2014), primarily departing from the migrations-mirroring-sorority conceptual triad, as each of such concepts appear and exert influence on the lives and identity trajectories of the protagonists Lakshmi and Maggie, so as to testify the protagonists’ awareness of the several layers, whether evident or subtle, of exclusion, prejudice, subalternity, and oppression to which the machinations of both the Eastern (Indian) and the Western (American) patriarchal societies expose them. Next, we will analyze the tensions and interactions deriving from the specular/mirroring relations between the protagonists that the narrative goes on unfolding before their eyes, as well as the effects of the friendship and the solidary cooperation that the sorority rising in their lives will bring as a result. Ultimately, regardless of the great hardships faced by the protagonists, our intention will be to attest that both Lakshmi and Maggie do manage to conquer more empowered identities, then to a greater extent devoid of the previous hazardous patriarchal influence. Among the several critics and theorists hereby used to achieve our goals are: Núbia Hanciau (2005), Stuart Hall (2003), Simon Harel (1992), Emilio Santoro (2014), Sandra Regina G. Almeida (2015), bell hooks (1997), Audre Lorde (1997), and Rehka Pande (2009).

Keywords: Migrations. Mirroring. Sorority. Empowerment. Feminine Identities.

Recebido em: 14 de julho de 2019.

Aceito em: 03 de setembro de 2019.